



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

NOS DOMINIOS DO SANTO CONDESTAVEL

Peregrinação Regional de Leiria — A cidade do Lis aos pés da Virgem — O Rev. Augusto da Sousa Máia e o Apostolado da Oração — O Anjo da Diocese — No recinto dos Santuários.

Depois de Torres Novas, a formosa princesa do Almonda, foi a inculta rainha do Lis, a nobre e histórica cidade de Leiria, que coube a vez de realizar uma peregrinação regional ao venerando e augusto Santuário de Nossa Senhora do Rosário, de Fátima. Situada mais perto da Lourdes portuguesa do que qualquer outra cidade, ponto de passagem forçado para todos os peregrinos procedentes da linha de Oeste, Leiria, que durante tantos anos tem visto circular através das suas ruas e praças as multidões dos crentes, compartilhando da sua Fé, da sua devoção e do seu entusiasmo e engrossando-as com numerosas falanges de habitantes seus, há muito tempo que acalentava a ideia de organizar uma peregrinação regional a esse lugar privilegiado e bemdito, testemunha de tantos e tão grandes prodígios do Céu, de tantas e tão assombrosas maravilhas divinas.

Era chegado o momento de pôr mãos à obra e levar a efeito esse projecto dum população crente e piedosa, que vive e prospera sob a égide da Virgem, com o título de Nossa Senhora da Encarnação, cujo santuário se ergue, esbelto e donairoso, num dos montes sobranceiros, como penhor da protecção e das bênçãos de Deus.

Foi no dia treze de Julho que se efectuou essa admirável romagem, que assumiu o doce encargo de ir depôr aos pés de Maria, em nome da cidade, a homenagem da sua veneração, o tributo do seu reconhecimento e o preito do seu amor.

A iniciativa desta manifestação de piedade para com a Virgem Santíssima deve-se à Liga do Apostolado da Oração, de Leiria, e em especial ao seu ilustre director, o Rev. do Augusto de Souza Máia, secretário do Ex. mo Prelado e professor no Seminário. Vontade de ferro, alma de diamante e coração de ouro, este brilhante ornamento do ilustrado e zeloso clero de Leiria poz todo o fogo do seu fervente entusiasmo na organização desta romagem, para que ela resultasse condigna da Virgem e constituísse um motivo de justo desvanecimento para a cidade.

Impulsionaram em larga escala este grandioso movimento de Fé e piedade, fornecendo um dêles o saber e o tacto da sua longa e provada experiência, o outro os êstos ardorosos do seu temperamento e da sua mocidade e ambos o prestígio dos seus nomes e a influência dos cargos que desempenham, o Rev. do João Quaresma, vigário geral da Diocese, e o Rev. do Dr. Sebastião Brites, prior da freguesia.

Foram cerca de quinhentos habitantes da cidade.

Nos dias onze e doze houve na Catedral exercícios piedosos como preparação para a solene romagem.

Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, dignou-se aceitar a presidência de honra da peregrinação. No dia treze de manhã todos os peregrinos se reuniram na Sé e, tendo recebido a bênção do Santíssimo Sacramento, cada um tomou lugar na respectiva *camionette* e lá seguiram, entoando cânticos e recitando o terço, a caminho de Fátima.

Quando chegaram às portas do Santuário, organizou-se uma vistosa procissão: à frente um grupo de *scouts* levando a

imensa do seu coração de Pastor modêlo e dá a impressão duma alma sempre igual mergulhada no sobrenatural e por isso intimamente unida a Deus, o Anjo da diocese de Leiria, que o divino Espírito Santo nela colocou para a governar sábia e santamente, com o prestígio do seu talento peregrino e com o ascendente das suas preclaríssimas virtudes, recebeu em Fátima sinais inequívocos da veneração, simpatia e estima de que é objecto da parte do seu povo fiel, a quem edificaram sobremaneira o zelo e a cari-

foram os peregrinos que não se aproximaram do banquete eucarístico.

Assistiram depois os peregrinos à procissão de Nossa Senhora, à missa oficial e à bênção do Santíssimo Sacramento aos enfermos.

Pelas quatro horas da tarde reuniram-se no pavilhão dos doentes para se despedirem de Nossa Senhora: impressionante e encantadora despedida, que comoveu até às lágrimas todos os que a ela assistiram. Presidiu a esta cerimónia o Rev. do vigário geral, rezando-se o terço e cantando-se no fim de cada dezena uma estrofe do hino de Nossa Senhora de Fátima.

Recitada a Ladainha Lauretana, o Excelentíssimo Senhor Bispo dirige de novo a palavra aos seus peregrinos, pedindo-lhes que conservem bem na memória este dia, que se afervorem mais na devoção à Mãe do Céu e roga a Nossa Senhora de Fátima que abençoe os seus queridos diocesanos da cidade de Leiria, as suas famílias e todos aqueles que desta vez não puderam encontrar-se ali.

Como fecho e coroa da encantadora romagem, cantou-se o sentido cântico — «Um terno adeus de saudade», com que é costume rematar, em muitas freguesias do nosso país, o piedoso mês de Maria.

Estava terminada a peregrinação. Todos os romeiros voltaram a ocupar os seus logares nas *camionettes* e todos chegaram a Leiria, alegres e satisfeitos, sem que nenhum incidente desagradável tivesse vindo empanar o brilho desta piedosa romagem da cidade do Lis ao grande Santuário nacional de Nossa Senhora de Fátima.

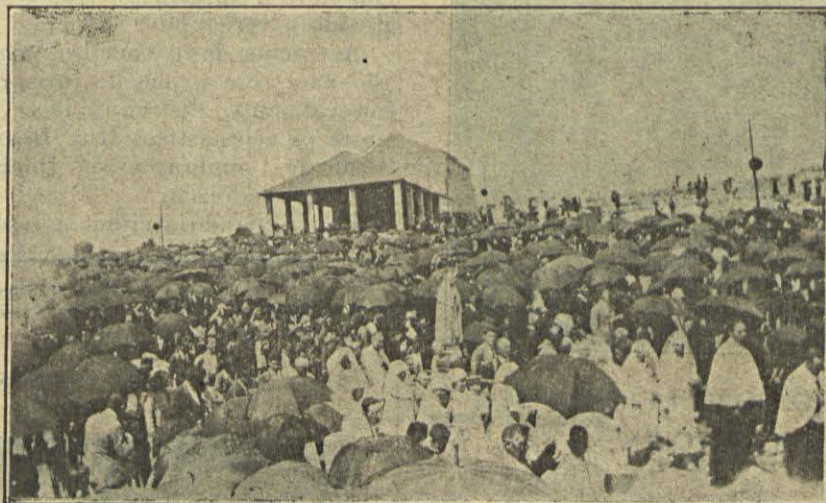
Procissão das velas — Adoração nocturna de Jesus-Hóstia — Peregrinações de Setubal, Lamego, Vilar (Cadaval), Castro Daire, Tinalhas, etc. — Procissão da Virgem, missa solene e bênção dos doentes — Alocução do venerando Prelado de Leiria.

Na forma do costume realizou-se, no dia doze à noite, a tradicional procissão das velas, dentro do recinto dos santuários, com a ordem e devoção dos meses anteriores. A uma hora da madrugada, depois dum curto intervalo de descanso, começou a adoração do Santíssimo Sacramento, a que assistiram todos os peregrinos presentes.

De manhã, bastante cedo, principiaram as missas, confessando-se e comungando muitas centenas, talvez mesmo milhares, de pessoas.

Vieram peregrinações de Setubal, Lamego, Vilar (Cadaval), Castro Daire Tinalhas, e outros pontos de Portugal. A de Setubal trouxe aos pés da Virgem duzentas e setenta e cinco pessoas. Esta peregrinação, numerosa e bem organizada, era dirigida pelo rev. do Francisco Carlos Nunes, vigário geral de Setubal.

Ao meio-dia solar, depois de se realizar a costumada procissão da Virgem, começou a missa solene, que foi celebrada pelo rev. do dr. José Galamba de Olivei-



A VOLTA DA PROCISSÃO
EM 13 DE JULHO

sua respectiva bandeira, depois os sócios da Juventude Católica Feminina, com o seu estandarte, professoras e alunas do Pensionato de Nossa Senhora de Fátima, as senhoras, os homens e por fim o Venerando Prelado, rodeado pelo clero e pelos alunos do Seminário. Numerosos contingentes de todas as freguesias da diocese engrossaram consideravelmente o grandioso e imponente cortejo.

Era dum efeito admirável esta procissão, graças à boa ordem, compostura e gravidade que os peregrinos guardavam e impressionava agradavelmente o entusiasmo com que todos cantavam os hinos de Nossa Senhora de Fátima.

Momento soleníssimo aquele em que o grande cortejo, descendo pela Avenida Central, invade os domínios da Virgem e entra nos seus santuários, testemunhas de tantos milagres do seu poder e de tantas graças do seu maternal amor!

O ilustre e venerando Prelado aproveitou mais uma ocasião favorável para se ir prostrar aos pés da Virgem bemdita no santuário da sua eleição, trono augusto das suas misericórdias e manancial abundante e inexaurível dos favores celestes. Simples no trato, duma afabilidade encantadora, que traduz a bondade

dade com que se sujeitou a tantos incómodos e sacrifícios para o acompanhar e tomar parte em todas as cerimónias da peregrinação.

A Fé e piedade dos peregrinos de Leiria — Missa e prática do Venerando prelado — A Comunhão Geral — Terno adeus de saudade — O regresso aos lares.

No rosto do Venerando Antístite Leiriense reflectia-se visivelmente a alegria intensa que lhe inundava a alma ao presenciar aquele acto profundamente consolador e bem significativo da Fé viva e da piedade acrisolada de tantos dos seus queridos diocesanos.

Tendo chegado junto da primeira fonte da água miraculosa, a procissão encaminhou-se primeiro para a capela das aparições, onde foram rezadas três Ave-Marias como saudação à Virgem, avançando em seguida para o abrigo dos doentes. Eram aproximadamente dez horas.

O Senhor D. José celebrou a santa Missa e administrou a Comunhão geral, tendo feito previamente uma comovente alocução. As lágrimas acudiam aos olhos de todos. Poucos, muito poucos mesmo,

ra, professor no Seminário de Leiria e capelão dos scouts da mesma cidade.

Deu a bênção com o Santíssimo Sacramento o Senhor Bispo de Leiria. Em seguida o venerando Prelado subiu ao púlpito e fez um breve mas primoroso sermão. Anunciou em primeiro lugar que estava oficialmente convidado pela Cruzada Nun'Alvares a presidir à romagem nacional que aquela patriótica e benemérita colectividade promove ao Santuário da Religião, em Fátima, no dia treze, e ao Santuário da Patria, nos campos de S. Jorge em Aljubarrota, no dia catorze de Agosto: Depois referiu-se às necessidades físicas e morais dos indivíduos, das famílias, do nosso país, invocando repetidas vezes a Consoladora dos Aflitos, invocações a que a multidão respondia, bradando em uníssono: «Rogai por nós!»

Procissão final — Peregrinos estrangeiros — Algumas curas extraordinárias — Júbilo e entusiasmo da multidão — A debandada geral.

Logo que se apagaram os ecos das últimas palavras do augusto orador, formou-se o cortejo do costume para reconduzir a Imagem de Nossa Senhora de Fátima à capela comemorativa das aparições.

Os raios do sol incidiam quasi perpendicularmente sobre as cabeças dos peregrinos, que durante longas horas se tinham conservado firmes no seu posto junto da capela nova, para assistirem a todos os actos officiais da peregrinação. O calor sufocava. Mas, apesar disso, a multidão não se afastou do lugar sagrado e, cheia de comoção e dominada pelo mais vivo entusiasmo, aclamava a Virgem, soltando vivas, acenando com os lenços e batendo as palmas.

Entre os peregrinos havia alguns cuja origem estrangeira facilmente se reconhe-

da Santíssima Virgem, recorreu a ela sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima num dos últimos dias do mês de Junho próximo passado achou-se repentinamente curada.

Entre os doentes que assistiram aos actos religiosos officiais dentro do Pavilhão, via-se um homem que sofria de tuberculose na laringe. Depois da bênção com o Santíssimo sentiu consideráveis melhoras, porque, estando quasi completamente afónico, recuperou de súbito a voz, falando clara e distintamente, como uma pessoa, cujo aparelho bucal funciona sem anormalidade.

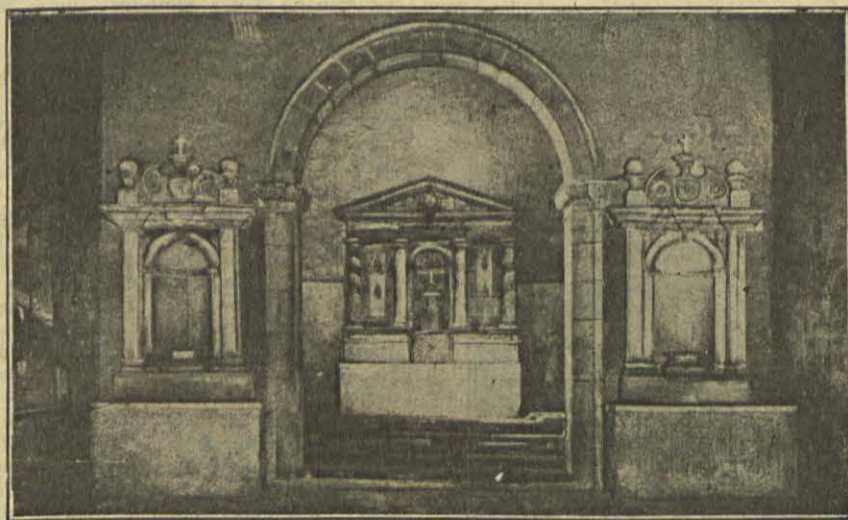
A peregrinação de Vilar (Cadaval) tinha levado a Fátima, além doutros doentes, uma mulher extraordinariamente paralítica.

Durante a viagem de regresso, quando a peregrinação chegou a Alcobaça e se preparava para visitar a igreja e o mosteiro, achou-se completamente curada, tendo-lhe desaparecido as dores por completo já desde a partida de Fátima, onde sentira melhoras consideráveis à bênção do Santíssimo.

Os jornais de grande circulação publicaram a noticia desta cura, que parece absolutamente incontestável.

Duma carta datada do dia treze e dirigida por uma respeitável senhora de Alcobaça a uma sua filha residente em Leiria tomamos a liberdade de transcrever os seguintes períodos encantadores pela singeleza e fidelidade da narrativa, tanto mais para apreciar quanto é certo que essa carta não era destinada à publicidade.

«Estou a escrever-te muito contente com um milagre que se acaba de realizar devido á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Uma peregrinação de Cadaval (creio que é de Vilar) levava uma entrevadinha ha cinco anos que os escoteiros foram



BATALHA — CAPELA ONDE D. JOÃO I FEZ O VOTO A NOSSA SENHORA DA VICTÓRIA

cia, predominando os brasileiros e os espanhóis.

De Espanha estavam duas pessoas, marido e mulher, esta doente, tendo por esse motivo dado entrada no pavilhão dos enfermos, depois de lhe ser distribuída a competente senha no Posto das verificações médicas.

Quando a peregrinação de Setubal fazia os últimos preparativos para o regresso, uma doente trazida por essa peregrinação, de nome Fernanda de Jesus, que havia sete anos se achava paralítica, quis que a levassem novamente à capela das aparições para se despedir de Nossa Senhora. Tendo entrado no santuário, ela, que de modo nenhum era capaz de mover-se, levanta-se de repente e abra-se à Imagem da Virgem, chorando de alegria e comoção. Não se pode descrever o que então se passou no recinto das aparições. O entusiasmo da multidão atingiu as raízes do delírio e foi no meio dum cortejo de milhares de pessoas e do estrondoso duma ovação formidável à Rainha do Céu que a feliz peregrina se dirigiu ao Posto das verificações médicas para a constatação da sua cura.

Tomou também parte na peregrinação, em acção de graças, uma menina do Porto, de nome Margarida Duarte de Souza, de vinte e três anos de idade e a quem doze médicos tinham dito que para se curar precisava absolutamente de fazer uma operação. A pobre menina preferia morrer a sujeitar-se a essa operação. Cheia de confiança na bondade maternal

buscar ao colo. Ora, pelo caminho, à vinda para cá, dizia assim: «não me doi nada».

Chegaram a Alcobaça, apearam-se para ir ao mosteiro e qual não foi o espanto de toda a peregrinação e do senhor Prior que vinha com ela, quando a mulherzinha desceu pelo seu pé, subiu a escada toda e foi ajoelhar-se diante do altar do Santíssimo. Que alegria para todos e para nós especialmente por ser aqui que ela andou pela primeira vez! Depois de saírem da igreja, organizaram uma procissão que veio até à nossa casa, a cantar, com os estandartes de Nossa Senhora da Conceição e de S. José. Que grande é o poder de Deus, minha querida filha, mas é preciso também nós sermos muito bons para assim Nossa Senhora nos ouvir... ..»

Terminados os actos officiais e acabando o entusiasmo produzido pela cura da paralítica Fernanda de Jesus, as peregrinações organizadas e os peregrinos isolados apressam-se a regressar aos seus lares distantes.

A multidão imensa que enchia o vasto anfiteatro da Cova da Iria e que era pouco inferior à de treze de Junho, escoa-se pouco a pouco em direção à estrada distrital e aos caminhos e atalhos da montanha. Apenas a peregrinação de Leiria se conserva ainda em volta do Pavilhão rezando as últimas preces, fazendo as derradeiras despedidas.

O astro-rei ainda inundava com a sua fina poalha de ouro os santuários da Co-

A missão gloriosa de Portugal

CARACTER RELIGIOSO DA VICTÓRIA DE ALJUBARROTA

Passando amanhã o aniversario da batalha de Aljubarrota (14 d'Agosto de 1385) que este ano é comemorada duma forma mais solene, parece-nos vir a proposito o seguinte artigo.

Falecido em Roma o Papa Gregório XI, os cardeais deram-lhe por successor Urbano VI. O novo Pontífice entrou logo a reformar com grande zelo não poucos abusos da sua côrte. Os cardeais irritados rebelaram-se quasi todos contra elle e reunidos em Fondi elegeram anti-papa o Cardeal Roberto que tomou o nome de Clemente VII. Notificada esta nova eleição ás côrtes da Europa só Portugal permaneceu fiel ao verdadeiro Pontífice, Urbano VI.

Solene juramento de D. Fernando e da côrte a Urbano VI

Publicado o cisma de Castela na Sé de Salamanca, a 19 de Maio de 1381, o pseudo-legado, Pedro de Luna, passou logo a Portugal, esperando aqui alcançar o mesmo triunfo. Mas os seus sofismas foram refutados pelos Prelados reunidos em Santarem, em presença de D. Fernando, tão clara e solidamente que ficou reduzido a vergonhoso silencio.

As actas deste concilio nacional são uma obra prima de jurisprudencia canonica, distinguindo-se muito entre os ecclesiasticos Ruy Lourenço, Deão de Coimbra, e um Doutor da Cathedral de Vizeu.

D. Fernando aceitou a resolução

dos Bispos, e para que a adhesão fosse mais solene, no dia 29 de Agosto de 1381 El-rei e toda a côrte na Sé de Lisboa prometeram e juraram firme obediencia a Urbano VI, pondo a mão sobre uma Hostia consagrada, estilo com que se prometiam e juravam naquele tempo as coisas de maior consideração. Logo todo o reino seguiu o exemplo do rei e da côrte. Desta forma a causa do Catholicismo identificou-se com a causa da independencia nacional; o triunfo da Igreja seria tambem o de Portugal. (Mon. Lusit. pg. 8 P. 8, 1. 22, cc. 40 e 41)

Vantagens alcançadas pelo pseudo-legado a favor do anti-papa

Conseguiu apesar de tudo Pedro de Luna do rei D. Fernando ou da rainha D. Leonor que D. Martinho de Zamora passasse do Bispado de Silves para o de Lisboa, então vago. Este bispo, com a promessa de ser Cardeal, trabalhou com tanta actividade a favor do anti-papa, que induziu o rei a dar em casamento D. Beatriz ao rei de Castela D. João Henrique, embora condenado e deposto pelo Papa desde 27 de Março de 1382. Foi D. Martinho quem levou o embaixador castelhano em Março do ano seguinte á presença de D. Fernando em Salvaterra de Magos, e a 17 de Maio assistiu na Sé de Badajoz á celebração do Matrimonio, que as côrtes de Coimbra tiveram justamente como nulo e in-

va da Iria e os cumes das colinas adjacentes e já no recinto das aparições reinava um silencio sagrado, apenas inter-

POR DEUS E PELA PÁTRIA



D. NUNO ALVARES PEREIRA

(Beato Nuno de Santa Maria)

QUE SE VENERA NA CAPELA DE S. JORGE ALJUBARROTA

rompido de vez em quando pelo canto dalgum pegureiro ou pelo piar funéreo das aves nocturnas.

Visconde de Montello

A Missa de um Santo

Levaram um dia a S. Filipe Neri quatro irmãos israelitas para ele os converter. O Santo recebeu-os com toda a afeição e caricias sem lhes dizer nem uma palavra sobre religião. Depois de alguns dias, pediu-lhes que se encomendassem muito ao Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob para que Ele lhes inspirasse o conhecimento da verdadeira fé. Depois, com grande Amor de Deus, ajuntou: «e eu amanhã á Missa, pedirei por vós e farei violência a Deus».

Mais do que isto. A outra pessoa disse ele: «Amanhã, á minha Missa, eles dirão o sim».

Chegada a manhã os quatro jovens judeus resistiam mais que nunca; e além disso, tendo estado a disputar algumas horas com algumas pessoas, ficaram mais firmes e obstinados na sua opinião. Mas (coisa admirável!), enquanto S. Filipe Neri dizia a Missa, mudaram subitamente e, cheios de alegria, pediram para se fazerem cristãos.

A' caridade dos nossos leitores

Varias pessoas se nos teem dirigido para que por meio deste jornalinho recomendemos á caridade dos nossos leitores as suas necessidades.

Entre estas está uma esposa que pede a conversão de seu marido e a força necessaria para não succumbir nesta prova por que Nosso Senhor a faz passar.

Esperamos que todos unirão as suas intenções ás preces que a N. Senhora fazemos por estas necessidades.

cestuoso, por haver impedimento de parentesco sem dispensa do verdadeiro Papa, Urbano VI. (Ibidem c. 50)

Traição e suplicio do bispo intruso de Lisboa, D. Martinho Zamora

Conforme consta do Breve «Sedes Apostolica» de 4 de Novembro de 1385 que Urbano VI dirigiu de Genova ao Bispo de Lisboa, os cidadãos João da Veiga, Silvestre Esteves e Estevão Afonso e outros, num excesso de dedicação á verdadeira causa, mataram a D. Martinho Zamora e a Gonçalo Vasques, que fôra prior secular da igreja colegiada de S.ta Maria de Guimarães, por intentarem entregar a cidade de Lisboa nas mãos dos scismaticos. Foram mortos sobre os telhados da Sé de Lisboa, e dali arremessados ao adro. Arrastados pelas ruas até ao Rocio, ia diante um rustico dando este pregão: «Justiça que manda fazer nosso Senhor, o Papa Urbano VI a este traidor, scismatico, castelhano, porque não tinha comunhão com a Santa Madre Igreja.»

Deste excesso, que de forma nenhuma tinha sido aprovado por Urbano 6.º, foram depois pedir perdão ao mesmo Urbano VI, que lhes mandou a absolvição pelo Bispo de Lisboa D. João Annes.

Antes de conhecer este fim tragico de D. Martinho Zamora a *anti-curia* de Avinhão, onde se achava o *anti-papa*, Clemente VII sabendo da morte de D. Fernando, elevou D. Martinho á eminencia do Cardinalato.

(Ibidem P. 8, l. 23, c. 8)

Urbano VI, pediu os pormenores da batalha de Aljubarrota

Doeu-se o Papa, como bom pastor, da mudança dos castelhanos para o anti-papa, e depois de esgotar todos os meios suaves e santas admoestações, procedeu por termos judiciaes á excomunhão e deposição do rei, o que foi escrupulosamente respeitado pelas côrtes de Coimbra, e por isso lhe não davam já o título de rei, mas o de *João Henriques que se chama rei de Castela*. Ora na Bula «Regimini» da sua deposição, expedida em Roma a 27 de Março de 1382, revestido o Pontifice de espirito profetico, prediz miudamente o que aconteceu a 14 de Agosto de 1385.

(Mon. Lusit. P. 8, l. 22, C. 41)

Os portugueses em Aljubarrota soldados de S. Pedro

Desde o principio da Monarquia que os Reis se inculcavam ao Papa como soldados de S. Pedro. Nunca porem os Portugueses mereceram melhor o glorioso nome de soldados de S. Pedro, do que em Aljubarrota.

«El-rei na missa tomou do Arcebispo Primaz o sinal da Cruzada, que havia concedido contra os scismaticos o Papa Urbano VI, e foi uma cruz vermelha de seda que poz no peito; e á imitação de El-Rei puzeram os mais semelhantes cruses, a que se seguiu a benção pontifical do Arcebispo, em que publicou a Indulgencia da cruzada solenemente» (Ibi. P. 8, l. 23, c. 38)

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira lembrou aos soldados que «ali estavam defendendo justa demanda pelo reinò e pela Santa Igreja contra os scismaticos.»

E o Rei tambem concluiu a sua breve fala dizendo: «Por nossa de-

fensão e do reino e da nossa santa Madre Igreja pelejamos contra eles; vereis hoje como são vencidos; porem em nome de Deus e da Virgem Maria, cujo dia é amanhã, sejamos todos fortes e prestes para tomar delles vingança». O successo é conhecido. Aljubarrota foi o tribunal onde se decidiu a contenda, não sómente sobre a independencia nacional, mas tambem sobre a independencia catolica. O triunfo de Portugal sobre Castela foi o triunfo do Pontifice Romano sobre o anti-papa de Avinhão.

(Mon. Lusit. P. 8, l. 23 c. 31)

Roma celebra o seu triunfo com a victória de Aljubarrota

A celebre vitoria de Aljubarrota resoou em todos os estados catolicos e sobretudo em Roma, que justamente a teve como sua, sendo de suma consolação para o aflito coração de Urbano VI, como o golpe mais terrivel desfechado contra o scisma. Nem a lembrança dela se apagou

tão cedo. Bonifacio IX, seis anos mais tarde, dirigindo ao Sr. D. João 1.º a Bula «Divina disponente clementia» de 27 de Janeiro de 1391, lembrava ainda com sumo louvor o duplice triunfo da Santa Sé, alcançado nas Côrtes de Coimbra no acto da eleição de D. João 1.º e na batalha de Aljubarrota.

Assim a Bula autentica de Bonifacio IX quasi canonisou tanto a eleição de D. João 1.º como a vitoria de Aljubarrota, attribuindo-as ambas á intervenção de Deus «triumphum divinitus reportasti». Assim é que a gloriosa Virgem Maria, ouvindo os votos do Mestre de Avis, interveio na batalha e fez que á celebração do seu triunfo se juntasse o nosso na vespera da sua festa d'Assunção, a 14 de Agosto de 1385.

Para cumprimento do seu voto mandou D. João 1.º levantar em honra de *Nossa Senhora da Vitoria* esse sumptuoso monumento nacional da Batalha, onde amanhã Portugal celebrará oficialmente tão gloriosa data.

MARTIRES DOS NOSSOS DIAS

Juventude católica

(Extraímos com a devida venia do Mensageiro de Maria)

João Manuel Bonilla era presidente da juventude catolica mexicana em Tlalpan. Do seu trabalho sustentava a familia com quem vivia e que extremamente amava, sua mãe já idosa, irmãos e irmãs.

Quando viu esgotados todos os meios legais e pacificos para reconquistar a liberdade para a Igreja, João allistou-se nas tropas libertadoras, não por amor da guerra, mas simplesmente porque julgou ser esse o seu dever. No dia da sua partida para a tropa entregou como lembrança a sua irmã Mercês o proprio retrato com a seguinte dedicatória: «Para minha irmã Mercês. Tlalpan D. F. 15 de Outubro de 1926. Mercês, ofereci a minha vida a Deus e vou lutar por sua santa causa e principalmente pelos meus. Espero que Ele aceitará o meu sacrificio e em troca vos dará a vós todos a paz do coração e a salvação das vossas almas: é o meu maior desejo, pois bem convencido estou da mesquinhez da vida. Guarda esta recordação e lembrante de mim, do teu irmão mais velho, que só quiz a vossa felicidade e que pede a Deus pela santificação das vossas vidas.»

«Todo o seu diário de campanha, de que vamos extrair apenas algumas folhas soltas, mostra bem o fogo de amor de Deus, que lhe guiava os passos:

«15 de Março. Ah! Senhor, bem sabeis que vos amo e que é por vosso amor que luto e soffro. Eu vos ofereço a minha vida e o meu sangue. E Vós, ó minha Mãe do Céu, Vós bem sabeis quanto eu sou sincero. Dizei a vosso Filho que se compadeça de nós, que já é tempo que Ele reine na minha patria, de que Vós sois Rainha. Dissestes-nos que nos amáveis, Senhora, mostrai-o agora. Ofereci este incenso de sacrificio e as vidas dos que caem no combate: os actos heroicos de mães e de esposas que deixaram partir com resignação os que amam, ofereci tudo isso e pedi para nós a breve libertação. Bem conheceis, ó minha Mãe, quanto tenho soffrido desde que tomei armas: vistes-me chorar o sangue do seu coração com a recordação daqueles que como Vós viram os meus soffrimentos... Sem comer nem beber, e quantas vezes sem dormir, descansando apenas sobre a terra nua, com frio que penetrava os ossos... e ainda por cima o soffrimento moral de ver a inconstancia dos que lutam connosco.»

«Como eram profundos esses soffrimentos, os morais e interiores sobretudo, transparece desta bellissima pagina:

«Meu Deus, sinto faltar-me a coragem. Penso em fugir, em deixar esta vida de privações e correr para onde ficou a minha familia. Parece-me que os meus

soffrimentos são inuteis. Que luta atroz, superior ás minhas forças... Sou de carne e a carne grita para me obrigar a fugir ao sacrificio. Dai-me coragem, Senhor, e entusiasmo. Se vos agrada a cruz que pesa sobre mim, aceite-a, Senhor, mas não me recuseis o que Vos peço: dai-me a vossa graça, mais graça para sobrenaturalizar os meus actos e para não descorçoar um só momento. O meu desejo é ver o triunfo da nossa causa e morrer. Em vossas mãos estou, Senhor, e Vós bem sabeis o que fazeis.»

Para a nossa cobardia deante dos mais pequenos sacrificios, estas palavras hão-de nos envergonhar.

Doze dias apenas antes de morrer escrevia ele:

«3 de Abril. De manhã. Domingo... Dia de ouvir missa... Meu Deus, eu vos amo com toda a minha alma! E' por isso que eu quis soffrer. Entreguei-me todo a Vós. Não Vos pude receber sacramentalmente, mas em espirito, sim, espero eu. ...Mãe do Céu, protegei a minha Mãe e Luz (era a sua noiva) e na hora da minha morte recebei-me em vossos braços.»

No dia 15 de Abril, de madrugada, foi apanhado pelos soldados de Calles. A seu irmão escreveu o seguinte bilhete: «Hoje, sexta-feira santa. Dia de tristeza. Acabam de me fazer prisioneiro. Vão-me fusilar. Reza por mim.»

Os soldados deixaram-no escrever ainda algumas palavras de despedida á sua familia. São reliquias de um coração tenro e amante, que sobrenaturalizou o seu amor na união intima da sua alma com Deus, para quem vivia.

A sua mãe:

«Mãe muito amada, é o ultimo adeus que lhe envio. Deus Nosso Senhor assim o quer. Bem sei quanto o seu coração vai soffrer ao ler isto... A mim o pensamento de que a vou deixar sem meios de subsistencia tortura-me a alma. Morro tranquilo, isso sim: é Deus Nosso Senhor que me dá forças. Não chore; reze e resignese. Na outra vida nos uniremos para sempre. Ofereça o sacrificio das suas lagrimas por tantos irmãos nossos que estão cegos e não querem ver. Seu filho que muito a ama

João

A sua irmã:

«Querida irmã. Aproxima-se o momento de despedir-me de ti para sempre. Deus Nosso Senhor quis tomar o meu sangue e a minha vida. Estou tranquilo deante do sacrificio, mas soffro cruelmente ao pensar em vós todos.»

Minha pobre mãe há-de soffrer muito; ah! que estes soffrimentos alcancem de Deus a conversão de tantos cegos que não querem ver. Que a Santissima Virgem tenha em conta estes soffrimentos.»

A outro irmão:

«Querido irmão, Deus aceita o meu sangue e é com alegria que lho dou. Forma o teu coração ao calor dos santos sacramentos. Não recues nunca deante dos obstaculos que se opuzerem á realização do teu ideal...»

A sua ultima carta é para a sua noiva:

«Amada Luz. Escrevo-te esta carta nos ultimos momentos da minha vida. Nosso Senhor aceitou o sacrificio da minha vida. O meu sangue vai ser derramado até á ultima gota para confessar a fé n'Aquelle que é o Creador de todas as coisas. A minha lembrança nunca te abandonou e soffro porque tenho de deixar-te. Eles prenderam-me e dentro em breve vão-me fusilar e não ha possibilidade nenhuma humana de escapar daqui.

Estou nas mãos de Deus e Ele bem sabe o que ha de decidir da minha vida.

Conforma-te portanto, pois tal é a vontade de Deus. Recebe a saudade de um coração que te ama até á morte e continuará a amar-te na eternidade. Todo teu

João.

Deus tinha de facto aceitado o generoso sacrificio de João Bonilla e concedeu-lhe a palma do martírio. Mais ainda lhe concedeu a honra de morrer crucificado como Jesus no Calvario.

Foi perto do meio dia, a 13 de Abril, que a escumalha dos soldados, espumando de raiva contra Jesus Cristo por ser precisamente sexta-feira santa, se lembraram de parodiá-la Paixão do Senhor, crucificando a sua vitima.

Chegado ao lugar do suplicio pediu o prisioneiro que o deixassem rezar pela ultima vez. Ajoelhou-se e orou, passando lentamente as contas do rosario, depois escreveu ainda num pedaço de papel esta sublime profissão de fé. *Eu moro por Deus. João Manuel Bonilla.*

Ataram-no então a uma cruz, no qual ficou exposto aos mais suaves escarneos dos algozes, que no heroico jovem quiseram repetir as scenas da paixão de Jesus Cristo. Passadas tres horas fuzilaram, assim crucificada, a sua vitima. As suas ultimas palavras foram um grito vibrante e sonoro: «*Viva Cristo Rei!*»

Eram 3 da tarde de sexta feira santa de 1927.

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Só tem direito a receber a *Voz da Fátima* pelo correio quem enviar adiantadamente o minimo de dez escudos por ano.

Muitas pessoas, sabendo que tudo reverte a favor da maior expansão do jornalzinho, de que têm sido distribuidos mais de trinta mil mensalmente, tem generosamente enviado quantias maiores.

Não mandamos fazer a cobrança pelo correio. Cada um enviará directamente a importancia da sua assinatura em carta registada ou *vale*, não se admirando de que se não acuse logo a recepção porque nem sempre é possivel.

Quem deseja obter agua da Fátima pode dirigir-se ao Sr. José de Almeida Lopes—Fátima (Vila Nova d'Ourem) que a isso se presta de boa vontade. Posto que a agua seja gratuita há a contar com o preço do recipiente e porte do correio, etc. o que tudo dá ainda uma quantia que a alguns parecerá elevada.

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da VOZ DA FÁTIMA

| | |
|---|--------|
| —Na igreja do SS. Coração de Jesus, por mão da Ex.ma Senhora D. Maria Matilde Cunha Xavier em Abril de 1928 | 27\$00 |
| —Na mesma igreja por intermedio da mesma Senhora em 14 de Julho de 1928 | 17\$65 |
| —Idem, idem em 21 do m/mês | 13\$50 |
| —Na igreja de S. Tiago de Cezimbra, por mão da Ex.ma Senhora D. Gertrudes do Carmo Pinto, em Junho de 1928 | 23\$10 |
| —Na mesma igreja por intermedio da mesma Senhora em Julho de 1928 | 22\$50 |

As curas de "FÁTIMA,"

Maria Emilia Fernandes

Mariana Teodora d'Oliveira, de Vilar (Cadaval), em carta de 20 de Julho, diz-nos o seguinte:

«Cheia de alegria venho contar a V. Rev. o grande milagre que Nossa Senhora fez a uma peregrina, que foi na peregrinação do Vilar no dia 13 de Julho á Cova da Iria (Fátima), de nome Maria Emilia Fernandes, de 38 anos de idade, natural e residente em Vilar. Tem sofrido desde a idade de sete anos de uma perna, isto é, doença nos ossos, mas há cinco anos para cá as dores têm sido tantas que a impossibilitavam de andar; só com o auxílio de duas muletas ou ao colo das pessoas de família. No dia 12, ao chegarmos a Fátima, foi conduzida em maca pelos Servitas, que a trataram com a maxima caridade.

Durante o tempo que esteve no pavilhão senti dores horripaveis. Mas á benção do Santissimo Sacramento as dores desapareceram-lhe, e senti uma alegria tão grande que teve vontade de se levantar e começar a andar, mas guardou silencio até Alcoaça aonde todos os peregrinos desceram. Ela juntamente desce, começa a andar direito ao Mosteiro, sobre os degraus, entra pela igreja e prostrase de joelhos, a agradecer a Nossa Senhora o milagre que lhe tinha feito.

Os peregrinos todos entusiasmados de alegria, arvoram as bandeiras e formam uma procissão pelas ruas de Alcoaça, e ella á frente com as muletas na mão e a andar perfectamente. Todo o povo surpreendido perguntava o que tinha havido e nós cheios de fé cantavamos os louvores á Virgem.

O Rev. Paroco desta freguesia que foi Presidente da peregrinação anda a cuidar dos atestados medicos para enviar á redacção da *Voz da Fátima* e fará todo o relato.»

Emília Rosa Gonçalves, do Peral, concelho do Cadaval, vem hoje (carta de 15 de Julho) cumprir a sua promessa publicando na *Voz da Fátima* o grande milagre da cura de sua filha Maria Manuela de 21 anos, casada com Mario Dias Franco, residente na Quinta dos Salgados, concelho de Peniche.

Dando á luz uma menina no dia 28 de Março de 1926, trez mezes depois constipou-se, declarando-se uma bronquite asmatica.

Seu medico assistente, o Ex.mo snr. Dr. Frazão, de Peniche, disse que desmarmasse a filhinha, e que saísse immediatamente dali devido á humidade do mar. No entanto que visse primeiro a opinião do seu colega do Bombarral, o Ex.mo snr. Dr. Alberto Martins. Assim fez, não concordando o dito medico ser necessario sair de casa, pois que era uma leve bronquite.

Continuando sempre a peor com agonia e falta de ar, foi novamente chamado o ex.mo snr. Dr. Frazão, que de novo instou para que saísse imediatamente dali.

No dia 28 de Julho veio para nossa casa em Peral, concelho de Cadaval, e passando pelo Bombarral consultou de novo o ex.mo snr. Dr. Martins, que então lhe disse estar com uma febre infecciosa, fazendo-lhe bem mudar de ares.

Logo que a doente chegou a minha casa, mandei chamar o meu medico, o ex.mo snr. Dr. Mario, do Cadaval, que a achou mal bastante. Voltando a vê-la passados 3 dias, disse ao marido que muito custava dizer-lhe, mas que desconfiava ser uma tuberculose galopante, e que tivessem enfim o maior cuidado.

De certo todos avaliam as aflições e choros que iam em minha casa, mas o nosso sofrimento só a Mãe Santissima e seu Amado Filho o sabem.

Requeremos uma conferencia em que tomaram parte os ex.mos snrs. Drs. Mario, e Alberto Martins, dizendo este ultimo que estava por pouco, tem grandes cavernas no pulmão esquerdo, anuindo a isto o snr. Dr. Mario, mas desejando ainda fazer um abcesso, desconfiando fosse bronco-pneumonia; não concordando o seu colega dizendo que a sua vida estava por pouco, e só se salvaria por um grande milagre.

A doente ouvindo tudo isto, disse-me: «minha mãe, mande vir o meu vestido do casamento que o quero para a minha mortalha. E debaixo de nossa grande aflicção assim se fez, trazendo o mari-

do, (que foi sempre para a doente um marido exemplar, não se poupando nunca a todos os trabalhos e despesas) a sua mortalha.

Contando elle a sua grande dôr á mãe, esta senhora veio ao Peral ver a doente, e trouxe com ella o ex.mo snr. Dr. Bruno, do Bombarral, que ao ver a doente foi da mesma opinião dos colegas, tratar-se duma galopante.

O Dr. Mario do Cadaval, que continuou a ser o seu medico recebia todos os dias informações enviadas pelo Senhor Raul de Seixas Paiva, que era quem por favor e caridade lhe dava todas as injeções que foram 140, porque o coração também estava muitissimo fraco, chegando por tres vezes a julgá-la moribunda. Já tinha recebido, a seu pedido os ultimos sacramentos. Emfim todos de família e pessoas amigas rogavam á Mãe Santissima pelas suas melhoras, sem que fossem ouvidos, havendo tres semanas, que não dormia com falta de ar.

No dia 15 de Agosto foi vêla um rapaz nosso amigo, da Vermelha, e perguntando á doente se estava melhor, esta como não podia falar disse que não, por acenos.

O dito rapaz disse-lhe: Peça a seu marido que vá a Fátima orar pela menina, que tenho fé que melhora. Pouco depois chega o marido e ella a muito custo, com a fala muito sumida, diz-lhe: Mario, vai a Fátima pedir por mim porque eu quero melhorar.

Nessa mesma tarde seguiu na companhia de meu filho Manuel para Leiria, e no dia 16 foram á Cova da Iria pedir com o maior fervor a Nossa Senhora do Rosario, as melhoras de sua mulher e irmã.

Chegaram a casa ás 2 horas da madrugada, trazendo a agua Milagrosa, dizendo-lhe o marido com uma fé viva: bebe esta agua que melhora. Pouco depois aclara-se a fala e ás 4 horas dormia 5 minutos e no dia seguinte já dormia um quarto de hora.

Assim foram aumentando as melhoras e no dia 23 de Agosto chamamos o medico assistente, Dr. Mario que ficou surpreendido e satisfeito de a vêr com os pulmões limpos.

No dia 29 e 30 de Agosto, realisando-se aqui a festa ao Martyr S. Sebastião, a doente pedia para a assentarem numa cadeira pois queria ver a procissão.

Fiz-lhe a vontade sentindo-se bem disposta, comovendo-se no entanto quando uma criança se aproximou da janela e se admirou dela estar viva!

No dia 5 de Outubro houve missa em acção de graças pelas suas melhoras, e voltou para sua casa na quinta dos Salgados — Peniche.

Graças a Deus e a Nossa Senhora do Rosario tem continuado bem.

Outra carta

(Ver *Voz da Fátima*, de Outubro e de Janeiro e Abril ultimos).

Lisboa 10 de Março de 1928.

Ex.mo Snr.

Dr. Acaçio da Silva Ribeiro

Venho acucar a recepção da carta de V. Ex.cia de 11 de Fevereiro, que li com grande prazer e que profundamente penhorado lhe agradeço.

E' mais que certo que o elucidativo relato que V. Ex.cia fez, da forma por que milagrosamente se viu curado e salvo do tremendo desastre que lhe succedeu, e que eu li ainda doente, em muito contribuiu para que no meu espirito entrasse a um tempo a luz da razão e a luz da fé e para que assim se tornasse possível o milagre da cura com que N. S.ª de Fátima se dignou favorecer-me.

Diz o velho ditado que a fé é que nos salva; e, bem o sabe certamente V. Ex.cia, o proprio Jesus, quando por este mundo andou ensinando aos homens as verdades eternas da sua doutrina, esmaltando frequentemente os seus ensinamentos com milagres maravilhosos, quasi sempre os encerrava dizendo aos favorecidos da sua misericórdia — vae em paz que a tua fé te salvou.

Parece assim indicar-nos a Providencia que a fé de quem precisa e pede é essencial para que a prece seja atendida.

O milagre com que Deus e N. S.ª de Fátima me favoreceram tenho eu como certo que representa antes de tudo a pa-

ga, o premio que a Justiça Divina quiz dar a minha Esposa pela paciencia, pela constancia, pela dedicacão e pelo espirito de abnegação e sacrificio com que durante dez longos anos tratou a minha doença e compartilhou os meus sofrimentos, e tudo isto sem jamais perder a sua fé no poder e na misericórdia de Deus.

A Providencia, porem, nos seus insondaveis desígnios, quiz fazer obra completa: ao restituir-me a saude do corpo quiz dar-me também a da alma, reacendendo nela a fé e reavivando as crenças quasi perdidas; e o instrumento de que a Providencia se serviu foi na verdade o relato que V. Ex.cia fez da sua cura no jornal de Fátima.

Cumpre-me, pois, agradecer-lhe, e vivamente penhorado o faço, a contribuição indirecta que por mercê de Deus V. Ex.cia trouxe á cura dos meus sofrimentos físicos e moraes.

Cumpre-nos agora, como V. Ex.cia bem diz, mostrarmos-nos dignos do beneficio recebido, confessando altivamente as nossas crenças e esforçando-nos por afervorar as dos outros, levar a toda a parte a noticia da nossa cura, contribuir assim para espalhar o culto de N. S.ª de Fátima e fazer enfim todo o bem que estiver ao nosso alcance e que nunca será de mais como tributo do nosso reconhecimento para com a bondade de Deus.

E' tarefa agradável de resto, porque do seu cumprimento resulta sempre aquella paz de espirito e aquella alegria de consciencia que já de si constituem uma grande felicidade moral.

Lamento sinceramente que o desastre que sofreu, transtornando-lhe a vida economicamente, obrigasse V. Ex.cia a separar-se dos seus, o que é sempre doloroso para quem vive no culto dos affectos familiares. Estou certo, porem, de que N. S.ª de Fátima o vae auxiliar por tal forma que em breve possa refazer a sua situação economica e voltar ao convívio da familia que o estremece. A Providencia não pôde deixar de completar a sua obra. Por minha parte sinceramente desejo que a saude lhe não falte e que a vida, no exercicio da sua profissão, lhe corra o melhor possível, de maneira que em breve tempo possa voltar á sua terra e dar-me o prazer de o abraçar na sua passagem por Lisboa.

Oxalá pois que em boa hora tenha aberto o seu consultorio.

Eu continuo numa excelente disposição de corpo e de espirito, com uma saude que dia a dia se tem vindo a robustecer. Bastará dizer a V. Ex.cia que, tendo atingido a extrema magreza fisica, desde a data da minha cura, ha aproximadamente cinco mezes, já aumentei 11 quilos de peso, fazendo presentemente toda a minha vida habitual é normal.

Tudo isto é natural de resto, pois é indubitavel que quando Deus se resolve a intervir nos nossos males o faz para os remediar por completo, como é proprio da sua omnipotencia e bondade infinita.

Não quero terminar esta sem tomar a liberdade de lhe pedir um favor.

Meu cunhado, senhor Candido Sotto Maior, que V. Ex.cia certamente conhece de nome, foi vitima, por ocasião da revolução de 9 de Fevereiro, de um grave desastre que o privou da vista.

Chegou a sentir umas ligeiras melhoras depois duma intervenção cirurgica, mas infelizmente ainda não recuperou a vista, que tanta falta lhe faz.

Tanto eu como minha Esposa temos ardente fé em que Deus ha-de restituir-lha, dando-nos assim o que nos falta para que nesta casa haja felicidade completa.

O que desejavamos, e isso tomamos a liberdade de lhe pedir, era que V. Ex.cia que já uma vez foi ouvido por N. S.ª de Fátima, juntasse as suas preces ás nossas para que Deus, tendo piedade do meu cunhado, lhe fizesse o que até agora os medicos não conseguiram: restituir-lhe a vista.

Para Deus será tarefa bem simples; o essencial é pedir-lhe, pedir-lhe muito, pedir-lhe sempre, com fé ardente e confiança desabalada para que no fim se resolva a ouvir-nos.

Minha Esposa agradece e retribue muito penhorada os cumprimentos de V. Ex.cia, fazendo comigo sineeros votos pela sua saude e felicidade; eu, por minha parte, pondo-me á sua disposição para aquilo em que lhe possa ser prestavel, peço-lhe que aceite os protestos de elevada consideração e estima com que passarei a subscrever-me

De V. Ex.cia

Amigo affectuoso e m.to obrigado

Joaquim Duarte de Oliveira

VOZ DA FÁTIMA

Despeza

| | |
|---|-------------|
| Transporte | 112.057\$40 |
| Papel composição e impressão do n.º 70 (49.500 exemplares) | 2.832\$50 |
| Sêlos, embalagem, transportes, gravuras, expedição etc. | 1.013\$66 |
| | 115.903\$56 |

Subscrição

(Setembro e Outubro de 1927)

Enviaram dez escudos para o jornal: Jacinta da Assumpção Marques, Maria das Dores do Arnal M. e Castro, Ludovina de Oliveira Santana, Maria Irene da Silva Passos, Adelaide Saldanha, Candida Gomes Delgado (20\$00); Perpetua Seixas, Maria dos Santos Anão Rosa, P.e José Maria Ribau, Maria Ribau, Maria Augusta Paixão Gomes, Amelia Brochado, Maria Adelaide Abreu, Maxima Rosado, Adelia Gonçalves dos Santos Baptista, Maria Izabel Silva Baptista (15\$00), Ismenia Cunha, Ana de Jesus Maria de Menezes d'Alarcão e irmã, Marcelina Cascaes, P.e Tomás d'Aquino Silveiras, Maria Eduarda Mata da Costa de Lopes Praça Cunhal, Cristiano Calado Mendes (20\$00), Mariana de Jesus Mendes Martins (20\$00), Luiza de Freitas, Laura Quaresma, Ludovina de Jesus Lopes, Sebastião Marques, Francisco de Paiva Boléo (15\$00), José Paes dos Santos, Aurora Antunes, Carolina Pedrosa Ramalho Castanho, Maria Pedrosa Ramalho Santos, Manuel de Araújo Pereira, Manuel José de Araújo, Antonio P. V. Falcão, Joaquim Pereira, Antonio Augusto Novais (20\$00), Maria Catarina de Carvalho, Gertrudes Pires Corrêa, Adelaide Salgueiro Silva (12\$50), Maria Ferreira Rodrigues, José Antonio Gonçalves, Teresa de Jesus Costureira, P.e Constantino Nunes Vale, Ermelinda Vicente Horta Carvalho, Teodoro Faria Neves, Palmira Vicente Soares, Joana do Espírito Santo Neves (20\$00), Luciano Leandro Pires (35\$00), Ana Moreira da Silva Egreja, Teresa Guimarães, Alcino Coelho de Sousa, Albertina Maria Vaz Pereira (22\$50), Carolina Augusta Moreira, Antonio Ignacio Vicente, Guilhermina Camacho de Gouveia, Olga Nunes Pereira (30\$00), Alzira Nogueira, Maria Augusta Alves, Bernardino de Almeida, Amelia Viana Carvalho Santiago da Cruz, uma pessoa da Borralha (50\$00), Ernestina Cortez Lapa, Maria das Dores Corte Real Cruz, Maria Joana Valente, Felicidade Gomes, Henriqueta Lourgue (20\$), Maria Henriqueta Vieira, Maria da Conceição Fernandes (12\$50), Edviges Deolinda da Franca e Oliveira, Ana Alves da Costa Espinheira, Maria Rosa de Moura, Manuel Antonio Seixas, Emilia Beça, João Emilio Guimarães, Mariana Amorim Alves, Maria Rodrigues da Nova, P.e José Martins Duarte Junior, Elvira da Conceição Neves Ferreira, Joaquim Carvalho Marques (12\$50), Homero Gomes, Adelaide das Dores Canadas, Augusto Rodrigues de Seabra, Agueda Gonçalves da Silva, José Ramogir Peres, Francisco da Costa Teodosio, Joaquim Gregorio Tavares (20\$00), Dr. Weiss de Oliveira (20\$00), Maria da Conceição Neves, Severino Martins Pinheiro, José Gonçalves Papanato, Henriqueta Duarte, Hermina Augusta Correia, Manuel Roque Gonçalves, José Camilo Pastor, Maria Emilia de Macedo Rosa (20\$00), José Julio da Silva, Marta Ferreira, Raymundo Vicente da Silva, Domingos Alves Teixeira Fanzeres, José Maria Teixeira Fanzeres, Maria da Conceição Vieira, Amelia Silva, Francisco Garrinhas, tenente Alipio da Silva Vicente, Maria Graciana de Baeta Figueiredo, Joaquim Moreira Nunes, Emilia Augusta de Sá Goodofim (20\$00), Silvina do Carmo Pires (12\$50), Emilia de Castro Frazão Castelo Branco (20\$00), P.e João Gaspar e Silva, Porfírio Gonçalves, Sabiniana d'Ascensão Lino, D. Afonso de Albuquerque (15\$00), D. Branca da Silveira e Silva (Giesta), Teresa de Jesus Lopes, Emilia Fernandes Martins de Carvalho (20\$00), Maria Zeferina Faria (30\$00), Julieta Zenha, Ernestina Gomes, Alice Esteves Alves.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

| | |
|---|-----------|
| Transporte | 1.837\$55 |
| Um anonimo | 300\$00 |
| D. Maria José de Moura Portugal | 5\$00 |
| D. Maria do Patrocinio de Moura Portugal | 5\$00 |
| | 2.147\$55 |